

# QUESTÕES AUTOBIOGRÁFICAS E MEMÓRIA NA OBRA ANTOLOGIA PESSOAL DE CAROLINA MARIA DE JESUS<sup>1</sup>

## AUTOBIOGRAPHICAL QUESTIONS AND MEMORY IN ANTOLOGIA PESSOAL BY CAROLINA MARIA DE JESUS

Vanderlei Kroin\*

UNIOESTE

**Resumo:** Neste trabalho procura-se trazer algumas considerações sobre o aspecto autobiográfico e questões acerca da memória presentes na obra *Antologia pessoal* de Carolina Maria de Jesus, operando o recorte de alguns poemas do livro. Observar-se-á, nesta perspectiva, que a memória opera funcionalmente como engrenagem viva que recupera e armazena os fatos vividos e busca aspectos do passado para reavivá-los no presente, restaurando-os por meio do discurso poético, ressignificando-os conjuntamente no pacto estabelecido com o leitor e estreitando as fronteiras entre sujeito autor e o texto escrito. Para tal propósito serão utilizadas concepções de autores como Maurice Halbwachs, Phillipe Lejeune, Aleida Assmann, entre outros.

**Palavras-chave:** Poesia; Autobiografia; Memória; Literatura. Carolina Maria de Jesus.

**Abstract:** In this work we have tried to bring forth some thoughts on the autobiographical aspects and questions concerning memory in *Antologia pessoal*, by Carolina Maria de Jesus, analyzing some poems from this book. In this perspective, memory works as a living gear that recovers and stores situations the were lived. It also searches for aspects in the past in order to bring them back to life in the present, rebuilding them through poetic speech, providing new meanings in pacts established with the reader and narrowing the borders between author and written text. With such a purpose in mind, conceptions of authors such as Maurice Halbwachs, Phillipe Lejeune, Aleida Assmann, among others, were used.

**Key words:** Poetry; Autobiography; Memory; Literature; Carolina Maria de Jesus.

---

<sup>1</sup>O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

\* Mestre e doutorando em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE. E-mail: vanderleikroin@gmail.com

## Introdução

Registrar fatos do cotidiano, denunciar as mazelas sociais, ser escritora de sua própria vida, esses são alguns identificadores comuns inferidos à obra produzida por Carolina Maria de Jesus e estabelecidos a partir da sua ficção em prosa. O presente estudo, porém, não parte da premissa de observar a obra caroliniana como documento, mas investe em ressaltar o seu teor estético, além de abordar uma faceta pouco estudada da autora: a sua produção poética.

Carolina foi uma catadora de papel e escritora brasileira que ficou conhecida nacional e internacionalmente pelo livro *Quarto de despejo: o diário de uma favelada*. A originalidade do livro – compilação de alguns diários da autora pelo repórter Audálio Dantas – alcançou enorme sucesso. Lançado em 1960, o livro foi traduzido para vários idiomas, adaptado para a televisão e para o cinema.

A autora nasceu em Sacramento, cidade de Minas Gerais, em 1914. Em 1930 mudou-se para a cidade de Franca, no estado de São Paulo e, em 1937, após a morte da mãe, foi para a capital, onde passou a viver na favela do Canindé e a trabalhar como catadora de papelão. O ato da escrita sempre foi um imperativo para Carolina, que registrava os fatos cotidianos em cadernos achados no lixo. Veio a falecer, já desconhecida do público, no ano de 1977, em um pequeno sítio na periferia da cidade de São Paulo.

Além de *Quarto de despejo: o diário de uma favelada*, Carolina Maria de Jesus publicou *Casa de Alvenaria* (1961), *Pedaços de Fome* (1963), *Provérbios* (1963), entre outros. Alguns títulos foram organizados e publicados postumamente, como o livro *Diário de Bitita* (1982); *Meu estranho diário* (1996); *Onde estaes felicidade?* (2014) e, recentemente, *Meu sonho é escrever...* (2018).

Em 1996 José Carlos Sebe Bom Meihy reuniu alguns poemas escritos por Carolina, em compilação que foi publicada com o título de *Antologia pessoal*. É esta a obra sobre a qual se pretende discorrer neste trabalho, elencando alguns poemas que tratam de saudade, recordações e memórias, principalmente em relação ao grupo familiar. A figura materna está fortemente presente neste livro de poemas.

Além disso, de maneira geral, pretende-se trazer sucintamente a problematização do aspecto autobiográfico na poesia, principalmente pelo fato interessante de nesta obra de Carolina Maria de Jesus o sujeito poético estar inúmeras vezes na primeira pessoa do singular e situar-se como feminino, além, é claro, de se reportar constantemente a figuras do seio familiar tais como mãe, filha e avô.

## Memória e recordação em *Antologia pessoal*

A obra de Carolina Maria de Jesus contém muito de suas próprias vivências enquanto mulher negra, pobre, e que, como moradora de uma favela, passou diversas dificuldades na vida. Assim, a essência da construção ficcional caroliniana resvala no autobiográfico e pode-se incluir nas fronteiras do autoficcional, pois reitera, introjeta e reelabora em sua escrita suas próprias experiências particulares: descreve as mazelas sociais e o seu viver diário de mãe solteira, trabalhadora, além de escritora, sinalizando o engajamento e o compromisso de denunciar injustiças.

No livro de poemas *Antologia pessoal* (1996), verifica-se uma variedade de temas, entre os quais se pode destacar o amor, a caridade, a solidão, a morte, entre outros. O memorialístico, transpassa todo o livro pois há, em muitos poemas, grande remissão às saudades e recordações de vivências e momentos, principalmente da infância. A mãe é uma figura constantemente referida nesta obra e mostra o intermitente ato de recordar do sujeito poético, reiteradamente se projetando do presente para o passado, resgatando suas memórias, como que interpelado por Mnemósine, a deusa grega da memória.

O livro é composto por 86 poemas e o tom confessional é silente, por isso, em *Antologia pessoal* se firma grande identificação com o leitor, principalmente pelo fato de a voz poética de muitos dos poemas estarem em primeira pessoa. O “eu” reata e mostra certo sentimento de intimismo e pertencimento, porque justamente o eu lírico, nessa instância do discurso, se reporta a acontecimentos mais estritamente ligados à sua vida familiar e particular e se adensa com a presença e o diálogo com a figura materna. Esses sentimentos de acolhimento e ternura ligados à mãe ressoam e são compartilhados no imaginário dos leitores. Phillippe Lejeune discorre a respeito de as pessoas comumente se identificarem mais facilmente com poemas e canções que são centradas no “eu”. Pergunta e responde o autor a esta indagação:

Por que se gosta dos poemas e das canções? Sobretudo quando dizem “eu”? por que estes, bruscamente, são a justa expressão de um sentimento que em nós procurava suas palavras e sua música próprias. Por isso os adotamos, reconhecemo-nos neles. E aquelas palavras que servem tão bem de roupagem a nossa experiência, supomos que vêm diretamente da experiência e do coração do poeta. Há o prazer da emoção compartilhada, o sentimento de que alguém nos compreendeu e um sinal de convivência com os que amam, citam, cantarolam as mesmas cações que nós (LEJEUNE, 2008, p. 94).

Esta identificação do leitor com as vozes poéticas em primeira pessoa significa também a abertura em leque dos poemas, pois o “eu” reforça a validação de sua projeção existencial. A partir do momento em que estes despertam o sentimento de humanização no sujeito leitor, já cumpriram seu papel social. Assim, pode-se dizer que a obra poética não se detém no particular, mas se espalha ao universal. Quando a figura materna aparece nos poemas de Carolina Maria de Jesus, há a reafirmação, ao mesmo tempo, de uma mãe individualizada, da mãe recriada e evocada poeticamente, que se infere vivamente presente na vida da autora por meio da reminiscência, e também à figura simbólica da mãe universal, como matriz de vida, amor e acolhimento.

No poema “Mãe é sempre mãe”, se verifica as reminiscências em relação à figura materna, que tem papel marcante, bem ou mal, na vida de todo indivíduo. A saudade predomina no poema e à memória é trazido um sentimento de incompletude e falta. Os verbos no pretérito mostram que o eu lírico faz uma retrospectiva ao recordar da mãe, sempre presente em sua vida.

### **Mãe é sempre mãe**

Se eu tivesse a minha mãe  
Oh que grande felicidade  
Foi a única mulher

Que me amou com sinceridade  
Nas suas orações.  
Incluía-me no pensamento  
Para Deus cortar-me as aflições  
E livrar-me dos sofrimentos.  
Quando eu adoecia  
Era imenso o seu estertor  
O olhar que me dirigia  
Revelava o seu amor.  
Mas, um dia ela sucumbiu  
Quem morre não volta mais  
Depois que ela partiu...  
Notei:  
Que falta a mãe nos faz

Mamãe foi o meu relicário  
O que me ensinou ainda lembro  
O dia do seu aniversário  
Vinte e cinco de dezembro.  
(JESUS, 1996, p. 67).

Na primeira estrofe o eu lírico mostra um sentimento de saudades ao recordar e mencionar a presença da mãe em sua vida. A amorosidade sem limites e a sinceridade das ações para livrar o filho e poupá-lo de atribulações da vida, principalmente de doenças, situação em que se intensificava esse estreitamento de relações e o apego amoroso. Esta colocação, no poema, do cuidado da mãe para com o(a) filho(a), está para além da esfera do individual, porque os versos poéticos são permeados do social; muitos leitores podem se identificar de forma nostálgica com o eu lírico, trazendo para si resquícios da infância vivida junto às suas respectivas genitoras.

A mãe se mantém fortemente presente na vida do eu lírico, mesmo já falecida ela vem fortemente à lembrança. O segundo verso da última estrofe reitera essa presença como algo ainda vivo. Maurice Halbwachs, ao argumentar acerca da memória das lembranças simuladas, no livro *A memória coletiva*, observa que

É depois da morte de alguém que a atenção dos seus se fixa com maior força sobre uma pessoa. É então, também, que sua imagem é a menos nítida, que ela se transforma constantemente, conforme as diversas partes de sua vida que evocamos. Em realidade, nunca a imagem de um falecido se imobiliza. À medida em que recua no passado, muda, porque algumas impressões se apagam e outras se sobressaem, segundo o ponto de vista de onde a encaramos, isto é, segundo as condições novas onde ela se encontra quando nos voltamos para ela. (HALBWACHS, 1990, p. 73).

A força da fixação da mãe, no poema de Carolina de Jesus acima colocado, enfatiza a relação forte que ainda une quem já morreu com seus familiares/amigos vivos. As ações de mãe a acalantar o sujeito expresso no eu lírico enquanto criança, ressoam na voz deste no presente, ganham força e potência após a mãe ter sucumbido perante a morte. A segunda estrofe do poema é salutar em relação a isso: o eu lírico só se apercebe conscientemente acerca da importância da mãe quando ela já não está mais fisiologicamente viva e vem, no ato de rememorar, a refletir saudosamente, quanta falta e saudades ela lhe faz.

A falta física da mãe faz com que o eu lírico busque certo acalanto na recordação dos momentos importantes e imprescindíveis, apesar de adversos, em que esteve com ela. Assim, o que sobressai no poema são lembranças boas que se tem da figura materna, mulher amorosa e protetora, e são estas atribuições que vêm com força e emergem na memória do eu lírico, salientando-se em todo o poema.

No poema seguinte há também apelo à figura da mãe. O tema é igualmente de saudades e recordação pela ausência da figura materna e o sentimento de amargura pela separação. O eu lírico retrata sua infância despreocupada e o posterior sentimento de perda, registrando também sua silente infelicidade no tempo presente em que se recorda.

### Saudades de mãe

Oh! Meu Deus quantas saudades  
Da minha infância ridente  
Não conhecia a degradingolada  
Que atinge a vida da gente  
Era criança não pensava  
Que existia o sofrimento  
Os brinquedos me fascinavam  
A todos os momentos.

Quando a aurora despontava  
Eu rodava o meu pião...  
Aos meus colegas eu contava  
Estórias de assombração.  
Hoje, é bem triste a minha vida  
Porque não vivo contente  
Estou distante esquecida  
Longe dos meus parentes.  
Um dia deixei minha terra  
Minha mãe e o meu irmão.  
Mas, não sabia que era  
Eterna separação.

A desventura me perseguia  
Ou o meu destino era fatal  
Eu deixei ela um dia  
E a minha terra natal  
Todos nós temos saudades  
De um lindo trecho de vida  
Ou de uma velha amizade  
Ou de uma aventura perdida.

Tenho saudades de alguém  
Partiu, e não mais voltou.  
Eu lhe queria tanto bem.  
Mamãe! A morte levou.  
Chorei copiosamente  
Quando a minha mãe morreu  
Mamãe: foi o melhor presente  
Que Jesus Cristo me deu.  
(JESUS, 1996, p. 81-82).

Nas duas primeiras estrofes, o eu lírico rememora sua infância, relatando o sentimento em relação a esta fase da vida: a saudade quanto à despreocupação, a inocência e as brincadeiras. Há uma reflexão dessas memórias a partir do momento presente, em que se situa. O quarto verso da primeira estrofe, “Que atinge a vida da gente”, exemplifica essas reminiscências do tempo presente em que está alocado esse eu lírico.

Na terceira estrofe, após relembrar brincadeiras da infância, há o volver ao tempo presente nos quatro primeiros versos: a tristeza por viver distante de seus parentes. Na mesma estrofe há remissão novamente ao passado, dessa vez para assinalar a partida e a conseqüente separação de seu grupo social mais restrito: a família. O poema, assim, como os outros apresentados nesse trabalho, tem essa ponte passado-presente, em que se reconstrói o segundo a partir da instância do primeiro.

O tom de lamento está fortemente presente na quarta estrofe do poema. Os três primeiros versos, no pretérito, mostram a imperativa necessidade ou anseio de buscar novos lugares e, por extensão, oportunidades, por isso a partida. Esses quatro primeiros versos ainda podem remeter à estrofe anterior, na qual há remissão ao momento posterior à partida de sua terra natal, e por isso “a desventura me perseguia” (primeiro verso), colocada pelo eu lírico, marca uma profunda consternação.

Os quatro últimos versos dessa estrofe, por sua vez, marcam a reflexão do eu lírico sobre as saudades da vida: “De um lindo trecho de vida”, “Ou de uma velha amizade”, “Ou de uma aventura perdida”. Há também um diálogo com o leitor, com o outro. O verso “Nós todos temos saudades” convida o interlocutor a refletir acerca do sentimento da saudade, resgatando suas próprias experiências.

Este diálogo com o leitor, proposto pelo eu lírico no poema acima, remete às lembranças coletivas, nas palavras de Halbwachs (1990), porque evoca uma reflexão sobre os acontecimentos particularmente familiares com os quais pode se identificar, em maior ou menor grau, cada indivíduo leitor ao tomar contato com o poema. Halbwachs salienta que:

Nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem. (HALBWACHS, 1990, p. 26).

A partir dessa consideração de Halbwachs, pode-se dizer que o poema é o discurso “outro” que propicia ao interlocutor/leitor eventualmente rememorar fatos de sua infância e, principalmente, rememorar e evocar a imagem da figura materna, revolvendo sentimentos pessoais e íntimos em relação às convivências de cada um, em particular com a mãe. O próprio título reforça esse diálogo: “Poema de mãe” se instaura nas lembranças coletivas que se pode ter das mães. O poema, portanto, é uma viagem introspectiva, pois propicia que cada indivíduo possa buscar recordar momentos pessoais vividos com sua genitora. É a autora reinstaurando poeticamente a construção do sentido da memória coletiva salientado por Halbwachs.

O poema trata de saudades, acaba por apontar enternecimento e nostalgia na quarta estrofe, mas finaliza-se positivamente, conforme a voz do eu lírico nos dois últimos versos: “Mamãe: foi o melhor presente/ que Jesus Cristo me deu”. O apelo ao vocábulo “mamãe”, em detrimento de “mãe”, utilizado na terceira estrofe, reforça e reitera essa aproximação amorosa e de laços fortes de união com a genitora, o que contribui sobremaneira para com o resgate de fatos do passado vividos junto a ela.

O poema “Minha filha” também está centrado em lembranças e saudade. A presença da perda pela ação da morte é congruente, mas, diferentemente dos dois apresentados anteriormente, aqui, a morte ceifa a vida da filha e não da mãe. Há um teor de profunda dor e consternação no poema.

### **Minha filha**

A minha filha morreu!  
Deixou-me só, e aflita,  
Peço, diga-me se és feliz  
Aí no céu, onde habita.  
Eu vi minha filha expirar  
Quase morri de paixão  
Este golpe veio abalar  
Para sempre o meu coração.

Minha filha era tão bela!  
Quantas saudades deixou.  
Eu gostava tanto dela.  
A morte intrusa a levou  
Resta-me apenas a saudade  
Da minha filha: minha boneca  
Morreu na maternidade  
Na rua Frei Caneca.

Ela morreu eu me lembro  
Dia 29 de setembro  
A mãe nunca esquece  
Quando seu filho fenece.  
(JESUS, 1996, p. 86).

O tom melancólico de “Minha filha” ressalta o abalo da mãe ao perder a filha e a escrita poética se institui também como uma maneira de externalização dessa dor pelo sentimento de perda. Vê-se o eu lírico lamentar o ocorrido, ressaltando o abalo sofrido e a saudade sentida, de modo que há um condeer frente a essa fatalidade da vida.

Registrado poeticamente, o sentimento de perda ressignifica em vidas particulares de outros leitores e é um meio de se manter viva de alguma maneira na memória a figura da filha. O ato da escrita é preservação da memória e se configura como uma eternização do passado vivido, constituindo-se como uma tradição que vem desde o antigo Egito. Aleida Assmann observa que,

[...] ao lado da arte verbal do poeta, também a medialidade da escrita toma parte no projeto de eternização. Já os antigos egípcios enalteciam a escrita como *medium* mais seguro da memória. Quando olhavam retrospectivamente para a própria cultura, em um lapso temporal de mais de mil anos, ficava-lhes claro que construções colossais e monumentos jaziam em ruínas, mas os textos daquela mesma época ainda eram copiados, lidos e estudados. Assim constataram que vestígios de tinta preta sobre um papiro frágil perfaziam um monumento mais duradouro que túmulos caros com ornamentação dispendiosa. Um papiro do século XIII de nossa era compara a força preservadora de túmulos e livros e chega, com isso, ao resultado de que a escrita é uma das armas mais eficientes contra a segunda morte social, o esquecimento. (ASSMANN, 2011, p. 195).

Acontecimentos históricos são perpetuados e chegam ao presente medializados pela escrita. São retratados e reajustados muitas vezes em obras literárias, inclusive poéticas, obras que, mesmo sendo uma reconstrução fictícia desenvolvida a partir de lembranças de fatos vividos/presenciados/apreendidos, se fortalecem como lembranças, conhecimento e aprendido e reacendem na memória eventos, não qualquer um, mas os que se perfazem como ainda vivos e pulsantes na memória, tanto de quem escreve quanto de quem lê.

No caso do poema acima exposto, vislumbra-se uma memória ainda viva, oxigenada, portanto, fortemente presente, ainda que marcada pela tragicidade. Em “Minha filha”, há uma morte, um fato ocorrido que aparenta ser real. Há dados sobre este fato na última estrofe, como local e data, mas o que pode causar mais identificação e comoção não é o espaço/tempo colocado, mas o sofrimento e o pesar da dor comuns a quem eventualmente tenha passado por esta vivência trágica, conforme é ressaltado nos dois últimos versos de poema: “A mãe nunca esquece/Quando seu filho fenece”.

Dessa maneira, a poesia pode flertar com o autobiográfico, mas não se acomoda nessa instância. Ela se faz universal na medida em que suscita a humanização e retrata o humano. O poético não pode ser tomado como um relato fiel da vida, da realidade, mas deve ser visto como um tecer que alimenta as memórias e se alimenta delas. Segundo Lejeune, “Muita gente ronda em torno da poesia para que ela conte sua história e seja obrigada a confessar-se: o próprio poeta por vezes, os seus leitores e exegetas frequentemente. Mas a poesia escapa da autobiografia e foge na ponta dos pés.” (LEJEUNE, 2008, p. 99).

Na perspectiva de Lejeune, como construção linguística, o poema não se deixa enquadrar (facilmente) no autobiográfico. O poeta pode relatar suas experiências de vida, acontecimentos de que tomou parte, mas o escrito sempre transpassa as particularidades de suas vivências. Concomitantemente, pode levar marcas autorais que nem sempre são mensuradas. A própria voz poética em primeira pessoa é uma escolha que pode mostrar essa condição: o poeta pode contar sobre si mesmo, ao mesmo tempo em que o “eu” se identifica melhor com as experiências de outros e o poema torna-se mais inclusivo, mas como ressalta Lejeune no excerto acima, tudo são rondas, a poesia foge dos enquadramentos tesos.

A reflexão do eu lírico no poema, resgatando fatos e tornando-os verossímeis, faz com que o leitor se engaje nas reminiscências colocadas pelo sujeito poético, assim, as lembranças contidas no poema se aliam às próprias lembranças do sujeito leitor, já que há sempre um diálogo operante no ato de leitura. No poema “Reminiscências”, novamente as lembranças vêm à tona. O eu lírico rememora a infância e faz um contraponto ao seu tempo presente, quando já é, provavelmente, adulto.

### **Reminiscências**

Quando criança contemplava o céu  
 Quantas belezas devem lá existir  
 Se eu pudesse deixar a terra  
 Com as estrelas quero residir.

Com as desídias que via  
 Ia distanciando do mundo  
 Onde uns cantavam outros sofriam  
 Desgostos profundos.

Quando criança, tudo é diferente  
A gente brinca e o tempo passa  
O mundo é belo para o inocente  
Que desconhece a amarga taça.

Hoje vivo a chorar saudosa  
A minha infância tão bela  
Que quadra pundonorosa  
Não mais esqueço-me dela.

De manhã pegava a enxada  
Ia pra roça trabalhar  
À tarde estava cansada  
Jantava, ia-me deitar.  
(JESUS, 1996, p. 168).

Na primeira estrofe, se evidencia o lado sonhador da criança: contemplar o céu e com as estrelas residir é dar asas à imaginação e deixar aflorar o imaginário inocente dos pequenos. Já na segunda, o que se nota é o teor crítico de quem, ainda criança, já percebe as desigualdades e os dissabores da vida: há o contraponto na aferição em perceber que o mundo agrega e contém, lado a lado (e também no mesmo sujeito), quem canta feliz e quem sofre desgostos profundos.

A inclusão de todas as crianças se faz na terceira estrofe. O eu lírico dialoga com o leitor ao se incluir no “nós” e ao tratar da despreocupação e inocência da infância, quando o projeto mais imediato é relacionar-se com o mundo pelo viés lúdico da brincadeira. Em seguida, na quarta estrofe, há novamente a indicação do tempo presente, em que o eu lírico continua a rememorar, saudoso, a beleza de sua infância.

O trabalho na infância aparece na última estrofe do poema, para lembrar que a ajuda aos pais era uma necessidade. Nessa instância, o eu lírico lembra do tipo de serviço que fazia e o cansaço sentido. Essa estrofe retoma as duas iniciais. A contemplação do céu (primeira estrofe) perante as insídias da vida (segunda estrofe) mostra a relação entre sonho/realidade.

O trabalho e o cansaço, o sonho e as brincadeiras se mesclam na memória do sujeito poético. Ele rememora fatos consubstanciais de sua vida, fatos passados no seu círculo familiar e, portanto, vêm à tona com maior força e intensidade. Halbwachs observa que “[...] não é na história apreendida, é na história vivida que se apoia nossa memória [...]” (HALBWACHS, 1990, p. 60). Assim, no poema é mostrado o que foi significativo e marcou de fato a vida do sujeito poético.

Em outro poema de *Antologia pessoal*, observa-se a recordação do eu lírico também em relação à infância, mas, desta vez, uma infância totalmente atribulada, sofrida, em que predominava as agruras e dissabores. “Evocação” é a externalização de momentos difíceis da infância que são registrados na memória como um trauma ainda vivo e presente, trazendo consequências nefastas para a vida presente do sujeito.

### Evocação

Quando eu era menina  
 Foi tão agra a minha sina  
 Porque eu não fui feliz  
 A minha mãe internou-me  
 Num colégio de juiz.

Passei anos reclusa  
 Nada posso contar da vida  
 Pois não tinha liberdade.  
 Às vezes me ponho a pensar  
 Como é triste recordar  
 Não tive nem amizade.

Às vezes tinha vontade  
 De correr e brincar na rua  
 Só conheci a severidade  
 A disciplina e a cafua.  
 Que infância atribulada  
 Deixou-me amargurada  
 Meus pais me preteriram...  
 E me destruíram.  
 E se a morte chegar na porta  
 Pode entrar: que já estou morta  
 (JESUS, 1996, p. 189).

Perpassa todo o poema um tom de ressentimento, de uma vida solitária, sem amigos e o reflexo se estende à vida presente do sujeito poético. O ato de recordar essas vivências é doloroso e traumático. A reclusão desmedida desencadeia um sentimento de amargura e a liberdade negada gera transtornos, inclusive a dor no próprio ato de recordar, que é triste e melancólico.

A liberdade negada ocasionou, no eu lírico, a estagnação da vida, tanto que nos versos finais do poema “E se a morte chegar na porta/ Pode entrar: que já estou morta” revelam uma profunda resignação e falta de vontade de viver. Os resquícios traumáticos do passado são guardados ao longo da existência e se presentificam no poema, que é um desafogo das mágoas internalizadas e revelam a condição de um eu lírico melancólico e até depressivo. A linguagem poética dá vazão às atribulações da vida recuperadas pela memória do sujeito e com mais plenitude e discernimento na fase adulta, quando já se tem um lastro temporal suficiente e uma maturidade para reconstruir suas lembranças.

De acordo com Maurice Halbwachs, a criança está embebida do contato vivo entre seu eu e a sociedade (grupo social a que pertence). Com o passar do tempo se vai operando um distanciamento intelectual desse mundo orgânico de sonhos e a capacidade de compreensão de sua infância vai aumentando. Assim o indivíduo crescido vai se lembrando de acontecimentos marcantes de seu passado. A ligação orgânica entre o mundo interior da criança e a sociedade, no período da infância, é que vai constituir a possibilidade de rememorar. Halbwachs assinala que,

Desde que essas duas espécies de elementos estiverem na origem estritamente fundidos, que aparecerem como fazendo parte de seu eu de criança, não se pode dizer que, mais tarde, todos aqueles que correspondem ao meio social apresentar-se-ão a ela como um quadro abstrato e artificial. É neste sentido que a história vivida se distingue da história escrita: ela tem tudo que é preciso para construir um quadro vivo e natural em que o pensamento pode se apoiar, para conservar e reencontrar a imagem de seu passado. (HALBAWCHS, 1990, p. 71).

Se as experiências sociais deixam assinaladas na memória da criança acontecimentos que vão repercutir em sua vida adulta, observamos nos poemas mostrados nesse trabalho recordações de eus líricos que trazem à tona recordações boas e más do passado. Mas, se como ressaltou Phillippe Lejeune em excerto mostrado acima, o fato de que a poesia escapa da autobiografia na ponta dos pés e o autor pode mesmo inventar fatos para construir sua poética, o que se pressupõe e como o autor mesmo coloca, é um pacto autobiográfico firmado com o leitor para que a leitura poética signifique.

No caso de Carolina Maria de Jesus, ao se conhecer minimamente sua vida pessoal atribulada, origem e condição humilde: pobre, negra, catadora de papel, moradora da favela, e observando os poemas de sua *Antologia pessoal*, há um pacto construído com o leitor, além de uma identidade que une o eu lírico dos poemas à autora, principalmente porque, como já dito anteriormente, na maioria dos poemas do livro há o discurso poético em primeira pessoa e, portanto, podem ser inadvertidamente tomados como o realmente vivido.

Outro aspecto importante e de destaque que poderia aproximar mais veementemente autora e sujeito poético, bem como estreitar laços da poética caroliniana com o autobiográfico, é o fato de que, em vários poemas do livro *Antologia pessoal*<sup>2</sup> e em quatro dos apresentados como recorte neste trabalho (“Saudades de mãe”, “Minha filha”, “Reminiscências” e “Evocação”), o eu poético é feminino.

Além disso há o reforço em buscar a escrita como um refúgio e externalização de episódios cotidianos, o que marca uma independência pessoal, profissional e intelectual da autora, que buscava sair de seu espaço social precário e ao mesmo tempo mostrar as agruras desse espaço aos seus leitores. Dessa maneira, a poesia de Carolina registra o diálogo entre a autora e o leitor. O eu lírico media esse diálogo, de modo que os poemas são situados e oscilam entre o ficcional e o referencial, conforme se verifica no excerto abaixo:

Nos poemas de Carolina, aparecem marcas discursivas que circulam contando e cantando sobre si/nós, recriando e fazendo conhecer ditos, fatos e histórias,

<sup>2</sup> Entre os poemas de *Antologia pessoal* em que o eu lírico é feminino e/ou se infere em primeira pessoa, excetuando-se os apresentados neste trabalho, pode-se tomar como exemplos: “Lua de mel” (p. 73-75); “Súplica de mãe” (p. 77-78); “Porque” (p. 105-107); “Mamãe” (p. 114); “Ingenuidade” (p. 128); “Desilusão” (p. 130); “Dá-me as rosas” (p. 169); “Meus filhos” (p. 196), entre outros.

entrelaçados por outras narrativas de pessoas, lugares e eventos memoriais. Seus versos oscilam entre a ficcionalização e a referencialidade, com fragmentos aleatórios e esparsos. A memória poética de Carolina, desse modo, tecidas por linhas e recortes de micronarrativas de vários eu(s), (re)inventa o vivido, atualizando não tal como ocorrera, mas como a voz poética inventa. (SANTIAGO, 2016, p. 195).

Se, por um lado, a poesia, assim como outros gêneros literários pode ser vista inadvertidamente pelo viés biográfico, por outro lado, constata-se que o literário não tem a obrigação com o real, apesar de utilizá-lo como pano de fundo. Nessa perspectiva, experiências e referencialidades pessoais ficam diluídas e mesmo apagadas e então se cai no famoso verso: “o poeta é um fingidor”. Assim, em se tratando de poesia, bem como de literatura de uma forma geral, há sempre um caráter intrínseco de dubiedade,

Não há a possibilidade de afirmar que o poeta tenha expressado uma experiência realmente vivida, própria, na enunciação do poema, mesmo que a forma seja em primeira pessoa. Por outro lado, também não há como afirmar que ele não tenha usado a “si mesmo” como referência. (BÉDA, 2007, p. 18-19).

De um ou de outro modo, o poema alude ao sujeito criador e ao mundo. Na obra poética estão entranhadas experiências pessoais de diversas ordens, mas o poético traz também uma relação com o mundo, pois o poeta não cria a partir de nada. Ele dialoga com os sujeitos e acaba, enquanto sujeito autor real, por diluir-se na linguagem que emprega.

Passo a passo, o escritor – que utiliza os recursos vários da poética – entra no anônimo e impessoal; ou seja, onde a autobiografia tende a centralizar o sujeito, a poesia o dispersa e o desfigura. Quanto mais se retrata o pessoal, mais universal se torna. Além disso, ao tentar colocar em evidência todas as grafias possíveis de seu eu, o poeta volta-se para o que lhe é adâmico: a palavra. E é sobretudo nessa representação que a linguagem utilizada na poética ocupa um lugar que não consegue ser contido pelo padrão clássico da autobiografia. (BÉDA, 2007, p. 20).

A partir dessas considerações, as criações poéticas em que há uma relação mais aparente e estreita entre autor-eu lírico, como no caso de Carolina Maria de Jesus, se elencariam no âmbito da autoficção ou “autopoética”, sem prejuízo ao seu teor universalizante, que significa reatar laços do homem com seus pares e com o mundo. Do campo da poesia emanam ressonâncias imagéticas que extrapolam as intenções autorais. A palavra do poeta não é somente dele, pois comunga com o social, dialoga com outros homens, assim o sujeito poético está situado entre o particular e o universal.

O poema “Exilado” reata o diálogo e salienta intertextualidade. O eu lírico recorda-se do momento em que tomou contato com a poesia de Gonçalves Dias e faz uma reflexão acerca dos motivos de o poeta sentir-se exilado e isolado. A linguagem poética, assim como toda escrita, nesse caso, e como já foi assinalado ao se reportar às ideias de Aleida Assmann, se configura como uma arma contra o esquecimento.

### O exilado

Eu não esqueço aquele dia:  
A primeira vez que li  
Era uma linda poesia  
E a emoção que senti

O meu autor predileto  
O imortal Gonçalves Dias  
Eu lia com muito afeto  
Os seus livros de poesias

Pobre poeta exilado  
Na terra que não é sua  
Sente saudades dos prados  
Das nossas noites de lua.

Minha terra tem brilhante  
Nosso céu é cor de anil  
O poeta lá mui distante  
Tem saudades do Brasil.

O que fez o Gonçalves Dias  
Para ser um exilado?  
Será que escrever poesias  
É pecado?  
(JESUS, 1996, p. 160).

O poema mostra-se como um médium e suporte de memória, no dizer de Assmann (2011) por eternizar autores, obras, registrar acontecimentos que se evoliriam caso não fossem registrados. Claro que, no caso a obra poética como ficção, tais “relatos” e registros são fortemente subjetivos, e o resgate memorialístico dotado e impregnado de imaginação, mesmo assim, de certa forma são fontes de conhecimento e saber. Nas palavras da autora,

[...] a escrita não é só *medium* de eternização, ela é também um suporte da memória. A escrita é, ao mesmo tempo, *medium* e metáfora da memória. O procedimento da anotação e da inscrição é a mais antiga e, através da longa história das mídias, ainda hoje a mais atual metáfora da memória. (ASSMANN, 2011, p. 199).

O poema “Exilado”, apresentado acima, registra e mostra uma leitura direta da obra “Canção do exílio” de Gonçalves Dias e se configura como um meio de propagar e reinserir

esse poema na memória do leitor, bem como a toda obra do poeta romântico indianista. As duas primeiras estrofes sinalizam essa interação entre ambos: “Eu não esqueço aquele dia/ a primeira vez que li” é o que se registra nos dois primeiros versos do poema e mostra o impacto da obra anteriormente produzida no íntimo do eu lírico, o que faz com que ele se recorde com propriedade do poeta precedente. Por meio desses versos iniciais, se verifica uma fusão convincente entre o sujeito poético e autora configurada como leitora.

Esse poema é possível devido a um exercício de leitura da autora, que de certo modo se identifica com o exílio de Gonçalves Dias, pois ambos se sentiam inquietos como sujeitos e o registro dessa inquietação se espalha na poesia que fizeram. O poema de Carolina Maria de Jesus, portanto, mantém uma explícita intertextualidade com “Canção do exílio”, já a principiar pelo título.

O registro escrito, se por um lado serve para reavivar e perpetuar autores e obras, o que faz com que seja caracterizado por Assmann como suporte da memória, por outro, conforme a autora mesmo ressalta, tem (ou pode ter) o inconveniente de obliterar essa mesma memória e deixar os homens esquecidos: “[...] a escrita promove a apatia da memória [...]” (ASSMANN, 2011, p. 200). Isso ocorre pelo fato de a escrita ser algo artificial e desgarrar-se da memória viva, tal qual conceituada por outro estudioso da memória, o historiador francês Pierre Nora. Segundo a autora, “Embora, no entanto, o gosto de escrever e gravar seja tão análogo à memória, a ponto de ser considerado a mais importante metáfora da memória, o *medium* da escrita também foi visto como antípoda, como antagonista e destruidor da memória [...]”. (ASSMANN, 2011, p. 199).

Deve-se levar em conta o lastro temporal entre a obra de Gonçalves Dias e o poema de Carolina Maria de Jesus, mas, por outro lado, deve-se também considerar a leitura feita do autor precedente. Sabemos que de alguma maneira tal obra estava presente e enraizada na memória de Carolina para que fosse resgatada e ressignificada no seu tempo presente e, pelo exercício poético, essa mesma obra ressoa em ecos na memória de quem eventualmente tenha tido alguma vez contato com o poema do autor romântico. Há uma ponte de memórias que se reaviva por meio do poético e faz emergir um texto a partir da leitura de outro.

As reminiscências poéticas da autora, portanto, ao mostrar subjetivamente marcas de suas leituras e vivências, acionam igualmente no leitor de seus textos poéticos *insights* que o fazem imergir nos meandros de sua própria memória e assim recordar, buscar, a partir do seu presente, acontecimentos passados, reminiscências a outros textos e obras, de modo a constituir um campo de diálogo consigo mesmo, com o poema e com autores, pois recordar é também sempre aprender.

## Considerações finais

Buscar aspectos do passado para reavivá-los na memória e restaurá-los por meio do discurso poético é reviver coletivamente acontecimentos e fatos pessoais. A memória funciona como uma engrenagem que orquestra fatos que os vai revivendo, fazendo-os ressignificar no presente. A poesia serve, então, para dimensionar artisticamente esses fatos e colocá-los em diálogo com outras memórias e experiências.

O tempo passado se revela no presente e a leitura dos poemas de Carolina Maria de Jesus contêm reminiscências de sua vida particular, suas experiências pessoais de vida e leitura. A marca autoral então se presentifica fortemente em *Antologia pessoal*, marcando pertencimento a um espaço e tempo sociocultural, registro reforçado pelo emprego da primeira pessoa do singular no discurso poético e pelo trânsito constante entre o tempo presente e passado, que é observado em muitos poemas do livro.

Assim, as intermitências pulsantes entre memória e história, real e ficcional, passado e presente, autor e leitor e os embates entre o limite do inventado e do acontecido na poética de Carolina Maria de Jesus assinalam o diálogo constante que caracteriza o campo do poético e dilui fronteiras, inclusive entre o sujeito e o modo como este apreende a realidade à sua volta e reconfigura o acontecido. Nesse sentido, Carolina, pela sua sensibilidade de apreender a diversidade na adversidade e o anseio de registrar, era, antes de tudo e, mesmo nas suas narrativas, poeta de sua própria história.

## Referências

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Tradução de Paulo Soethe. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

BÉDA, Walquíria Gonçalves. **A construção poética de si mesmo**: Manoel de Barros e a autobiografia. 2007. 133 f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Estadual Paulista/Unesp, Assis, SP.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais LTDA, 1990.

JESUS, Carolina Maria de. **Antologia pessoal**. Organização de José Carlos Sebe Bom Meihy; revisão da Armando Freitas Filho. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1996.

LEJEUNE, Phillippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet. Organização de Jovita Maria Gerheim Noronha; tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

SANTIAGO, Ana Rita. O tear de memórias poéticas de Carolina Maria de Jesus. **Revista Fórum Identidades**. Itabaiana, BA. Ano 10, v. 21, p. 193-214, 2016.

*Recebido em maio/2019.*

*Aceito em agosto/2019.*